

**CONHECIMENTO É, ESSENCIALMENTE, AUTOCONHECIMENTO
UMA ENTREVISTA COM FERNANDO ILÍDIO DA SILVA FERREIRA**

Deise Juliana Francisco (UFAL) – deisej@gmail.com



DOI: 10.28998/2175-6600.2015v7n14p171

Fernando Ilídio da Silva Ferreira é Professor Associado da Universidade do Minho, Portugal, integrado no Departamento de Ciências Sociais da Educação, do Instituto de Educação. Ele tem formação em Magistério Primário, licenciatura em Educação Infantil e Básica Inicial e Mestrado em Ciências da Educação. Concluiu o Doutorado em Estudos da Criança, nesta Universidade, em 2003.

É também membro integrado do CIEC – Centro de Investigação em Estudos da Criança (Unidade de I&D da FCT), no qual coordena o Grupo de Investigação “Contextos, Quotidianos e Bem-Estar da Criança”.

Tem participado em vários projetos de investigação, nacionais e internacionais, e as suas áreas predominantes de supervisão científica e de participação em júris de provas de mestrado e doutoramento são a política educativa; a administração educacional; a sociologia da educação; a sociologia da infância; a formação de professores; a educação infantil e básica e a educação não

formal.

- Orientou mais de uma centena de dissertações e teses e tem cerca de uma centena de publicações em livros, capítulos de livros e artigos, com títulos como: Formação e trabalho docente: projetos, políticas e práticas (2015);
- O que move os professores são os alunos: fatores de motivação em circunstâncias adversas (2014);
- Participation and learning in a Jenaplan school in the Netherlands: an ethnographic research with children (2013),
- Repensar o sentido de comunidade de aprendizagem: contributos para uma concepção democrática emancipatória (2012);
- A Universidade e a formação continuada dos professores no contexto das reformas educativas contemporâneas (2011);
- O Estado avaliador e as formas de apoio externo às escolas: ensinar e controlar as escolas ou escutar e aprender com elas? (2010);
- A formação e os seus efeitos: do modelo escolar à formação em contexto (2009);
- As crianças e a comunidade: a animação comunitária como processo de convivência e aprendizagem intergeracional (2009);
- Reformas educativas, formação e subjectividades dos professores (2008).

O professor Fernando Ilídio esteve em Maceió, no período de 21 a 25 de novembro de 2015, participando da 4ª Semana Internacional de Pedagogia (SIP) e do 1º Seminário Luso-Brasileiro em Educação Infantil (SLBE). Entre as atividades desenvolvidas, destacamos a abertura do 1º SLBE, com a Conferência intitulada “O lugar da criança nas políticas e práticas educacionais” bem como a participação na mesa-redonda intitulada “Ludicidade e mídias digitais: diálogos com os múltiplos campos de experiências da criança pequena”. Para maiores informações, é possível acessar o site do evento que está disponível em: <http://www.semanadepedagogiaufal.com.br/>.

As contribuições do professor pesquisador português foram muito relevantes

na discussão sobre infância, educação infantil e sua vinda ao evento foi fruto de uma parceria construída com o professor Cleriston dos Anjos, do Centro de Educação (CEDU) da Universidade Federal de Alagoas. Sendo assim, a Revista Debates em Educação o entrevistou para conhecer sobre seu trabalho e experiência em articulação com os pressupostos do Movimento da Escola Moderna (MEM), com a animação cultural e a educação comunitária e ainda com a internacionalização da produção científica.

A entrevista foi realizada pela professora Dra. Deise Juliana Francisco, no mês de dezembro, via Messenger, no *Facebook*. O momento de interação foi riquíssimo e trazemos aqui a entrevista na íntegra, revisada pelo entrevistado para que possamos usufruir do conhecimento sobre o trabalho do professor e de sua posição quanto a assuntos atuais no campo da educação. Neste momento, reafirmamos a importância dos canais de comunicação que estão disponibilizados pelas tecnologias digitais, como forma de viabilizar contatos, trocas e intervenções, para além da proximidade geográfica.

Deise Francisco: Professor Fernando, suas intervenções na 4ª Semana Internacional de Pedagogia (SIP) e do 1º Seminário Luso-Brasileiro em Educação Infantil (SLBE) foram muito interessantes e fizeram coro com a perspectiva de um trabalho com crianças focado na escuta das mesmas, na luta pelos direitos das mesmas. Gostaria de ouvir sobre teu percurso profissional e a ligação com o Movimento da Escola Moderna em Portugal.

Fernando Ferreira: Inicio afirmando que o conhecimento é essencialmente autoconhecimento. Isso é muito importante nas Ciências Sociais e Humanas, pois diz do modo como nós nos posicionamos quanto ao mundo e à vida. Lemos o mundo a partir da nossa própria experiência existencial. E é por isso que considero importante narrar essa experiência e o que aprendemos com ela. Trabalhei com ensino primário e cursei o equivalente à graduação em Pedagogia, no Brasil. Em Portugal chama-se de Magistério Primário que habilita a trabalhar nas séries iniciais do ensino fundamental.

Minha primeira experiência docente foi em uma escola rural, situada na região das montanhas, em Portugal. Trabalhei com treze crianças, todas as da aldeia, com várias idades, entre 05 e 14 anos de idade. Era um local isolado e eu só ia a Braga nos finais de semana.

A formação acadêmica não preparava para esta realidade, ela prepara para formar em classes seriadas. Então, minha atuação se deu pela experiência, com recurso a reflexão e a pesquisa. Atuei igualmente numa perspectiva de Educação Comunitária ou Animação Comunitária, pois trabalhava também com as famílias e a comunidade local. Eu ficava na Casa da Paróquia e as famílias iam até lá à noite. Eu trabalhava com ferramentas teóricas e metodológicas da animação comunitária essencialmente através da música. Com as pessoas da aldeia, de todas as idades, tocávamos concertina, acordeão, cavaquinho, violão, e dançávamos pela noite dentro. Eu tocava violão e cantava, o que faço até hoje. Foram oito anos de docência no ensino primário e isso foi importante para ver a escola por dentro e ver as pessoas de forma não formal. Havia reflexão a todo momento sobre nós e a relação com os outros. Isso é válido para trabalhar com crianças e adultos também.

Atualmente trabalho com formação de professores e pergunto no primeiro dia de aula: Mas vocês não trouxeram as ferramentas? Eles perguntam: quais? E eu falo sobre a ferramenta primordial no trabalho em educação: a comunicação! Então, eu trabalho com eles a comunicação. Acredito que a formação trabalha muito com questões formais, mas eu acredito que há outras formas, para além do prescrito nos manuais escolares.

Acredito em outras formas de trabalhar com crianças, para além dos manuais e dos programas preestabelecidos, pois estes são descontextualizados, construídos em outros contextos. Neste sentido, como poderiam contribuir com a comunidade? Aí encontrei referências na Escola Moderna. Formalmente, não fazia parte deste Movimento, mas já atuava com seus princípios.

Deise Francisco: Sim, durante o evento em Maceió houve um minicurso intitulado “A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA PEQUENA E O Movimento da Escola Moderna em Portugal”, ministrado pela Profa. Andrea Avelar Duarte (ICE – Instituto

das Comunidades Educativas) e com tua participação. Podes explicar este movimento e suas contribuições para a educação?

Fernando Ferreira: O Movimento da Escola Moderna (MEM), fundado, em Portugal, por Sérgio Niza, tem influências da Escola Nova e de pedagogos e filósofos como Freinet e Dewey. Desde a década de 1980, reorientou o seu trabalho de formação cooperada e o respetivo modelo pedagógico de intervenção escolar para uma perspetiva cultural e comunicativa decorrente dos trabalhos de Vigotski e de Bruner, entre outros. Poderíamos pensar que está desatualizado, mas, o Movimento ganha cada vez mais adeptos. Tanto que se expandiu pela Europa e, atualmente, está se expandindo para o Brasil. No Brasil, por exemplo, é conhecida a experiência da Escola da Ponte. O professor Pacheco faz parte do Movimento da Escola Moderna.

Quer o MEM, quer a Escola da Ponte trazem para a escola um questionamento sobre o modelo escolar convencional, que é muito formatado, e põem a tônica na experiência. Toma a questão de como podemos trabalhar a escola trabalhando com a vida. E propõe que todos aprendem com todos. Assim, aquilo que eu falava sobre conhecimento como autoconhecimento ecoa no princípio da autoformação do Movimento, quando as pessoas aprendem desde sua experiência.

O modelo escolar mais tradicional acentua o individualismo competitivo visto na sociedade capitalista. Vide, por exemplo, o PISA e as atuais formas de avaliações e de controle para divulgação de ranking escolares. Isso é a reatualização da meritocracia. Não há, aqui sentido cooperativo da aprendizagem, pois a tônica está no sucesso individual.

Por que a escola é seriada? Isso não é natural. A vida não é assim! O modelo do agrupamento familiar como opção pedagógica é mais natural, pois é mais natural as crianças aprenderem umas com as outras, de diferentes idades. Na minha prática profissional, que eu contava, eu trabalhava com grupos heterogêneos.

Outro princípio refere-se aos projetos cooperativos. A escola tradicional é graduada pela produção em série, em que as crianças fazem tudo da mesma maneira e ao mesmo tempo. No modelo pedagógico do MEM, as crianças seguem

caminhos diferentes, sabendo que têm que seguir alguns objetivos. Não é produção em série, mas sim construção de projetos cooperativos. Este é o modelo pedagógico dos projetos. Ali as crianças participam do processo de tomada de decisão, destacam o que já aprenderam e o que tem ainda que aprender. O dispositivo pedagógico que regula a prática pedagógica é conhecido pelas crianças. Elas traduzem os conteúdos do currículo em suas palavras. Quando trabalham, colocam nos murais o que já aprenderam, o que não aprenderam e no que precisam de ajuda. Elas dizem, também, no que podem ajudar as outras. Aqui há colaboração, solidariedade e autonomia. Quando ela diz: “eu já sei”, ela pode ser avaliada naquele momento. Ou seja, as crianças são avaliadas na regulação, no trabalho em projetos.

Há tempo de aula direta também. Quando um grupo de crianças pede ajuda, o professor ou outro grupo de crianças podem fazer aula direta.

Deise Francisco: Tu podes trazer um pouco mais de tua experiência profissional mediada por estes princípios?

Fernando Ferreira: Eu tenho atuado na formação de professores e acompanho os estudantes nos estágios. Desde 1992 atuo na Universidade do Minho, continuo ligado às escolas via prática pedagógica (estágio), incluindo a Escola da Ponte, que fica a 30 km de Braga. Durante os cinco anos em que coordenei a Prática Pedagógica, na formação inicial de professores, todos os grupos de estágio passavam por lá uma semana. Ali trabalhamos ecoconhecimento, no sentido de conhecimento contextualizado. Além disso, nas minhas pesquisas trabalho com investigação etnográfica, através da observação participante em escola e em contextos da educação não formal, como parques infantis, atividades lúdicas, etc.

Além disso, trabalho com assessoria em escolas, onde faço também pesquisa etnográfica. Ultimamente, fiz trabalhos juntamente com alunos da professora Andrea Duarte. Um dos projetos foi o da horta na escola e também do yoga e meditação. Uso práticas como técnicas corporais para relaxamento. As crianças demonstram muito interesse. Trabalho também com roda de conversa. Tudo é integrado em um

modelo que é do conhecimento do professor e do aluno. Assim, de forma cooperativa, todos participam do processo. Há uma autorregulação da aprendizagem. O processo e o resultado destes projetos foi disponibilizado em blog, construído e dinamizado pela professora e pelos alunos.

Deise Francisco: Sim, algumas pedagogias chamadas alternativas, não trabalham com tecnologias digitais, por pensarem que as mesmas não são naturais. O que tu pensas sobre isso e como trabalhas com as tecnologias na tua prática pedagógica?

Fernando Ferreira: Eu trabalho com questões ligadas à vida cotidiana, como se articula vida e currículo. É uma Pedagogia Contextualizada. A separação das tecnologias da vida só está na cabeça dos professores, as crianças não fazem diferenciação entre dispositivos tecnológicos e outras ferramentas. Por exemplo, no trabalho com a horta, chamamos o avô para trabalhar na horta e a criança escreve um post no blog. As crianças são experienciais. A questão da separação das tecnologias da educação é uma falsa discussão! Temos que alargar o campo da experiência, trazer o avô, o blog. Alongar o campo da experiência inclui a reflexão. A criança vai para a horta, depois pode ir para o blog falar da experiência.

Deise Francisco: Tu podes dar o endereço do blog, por favor?

Fernando Ferreira: Sim, o endereço do blog é: <http://xistosegrauvaques.blogspot.pt>. Ele é mantido pela professora Andrea durante quatro anos, pois trabalhou com o mesmo grupo de crianças desde o primeiro ao quarto ano de escolaridade. Havia apenas um computador na sala e as crianças iam escrever poemas que inventavam, digitar assuntos de seu interesse e outras novidades que queriam contar.

O projeto Magalhães, em Portugal, foi muito importante para garantir igualdade de acesso aos meios tecnológicos pelas crianças. Pois algumas crianças têm computador em casa, mas nem todas. O computador aparece no contexto do

trabalho na escola, como a biblioteca. As salas de aula têm tudo ao alcance das crianças, não há armários do professor. Respeita-se a altura física das crianças e elas têm liberdade de ir para qualquer espaço da escola. Ainda, pode ter com animais que estão na escola, circular livremente, pois elas sabem o que fazer, pois procura o que aprender.

É frequentemente designado Método Natural. Na Holanda, Suécia, Dinamarca e noutros países europeus, tem esta ou outras designações, como Pedagogia ou Educação Alternativa. Por que chamamos de Natural? Porque é ligado à terra, à natureza, à cultura e à pesquisa. A pesquisa é muito importante, pois os projetos implicam colher dados junto ao poder público, fazer entrevista com pessoas mais velhas, escrever cartas para a prefeitura relatando problemas. Enfim, aqui cruza-se educação e cidadania.

Deise Francisco: Tu podes falar mais sobre esta perspectiva da educação e cidadania?

Fernando Ferreira: Cruza-se educação e cidadania. Não é na mesma perspectiva que a educação financeira, educação para o empreendedorismo. Porque estas últimas têm incidência na vertente econômica, sendo menos social e política. A questão que se coloca é: Como a escola pode ser palco de cidadania na sua própria organização? Não é aula de civismo.

O professor Bernard Charlot escreve sobre uma relação diferente com o saber. Quando falamos na formação inicial esta é a questão principal. Os professores apresentam desconhecimento sobre o modo como as crianças aprendem e queixam-se e querem saber como motivar as crianças e como controlar seu comportamento. Acredito que temos que perceber melhor como aprendem as crianças e os jovens. Isso é diferente de perguntar como aprendem os alunos!

Deise Francisco: Temos discutido muito sobre a internacionalização da formação. No Brasil temos alguns investimentos para que isso aconteça. Podemos pensar na internacionalização como submissão às normas internacionais, sem levar

em conta a realidade local ou podemos pensar em outra forma de internacionalização. Gostaria de te ouvir falar sobre como tens vivido a internacionalização na tua experiência.

Fernando Ferreira: A internacionalização ou globalização pode ser encarada de várias formas, há várias facetas não apenas a vertente econômica. Podemos pensar na padronização do próprio conhecimento. Nesta perspectiva escrever um artigo pode ser quase como preencher um formulário. As revistas entram na contabilidade da produção e isso tem efeitos perversos quanto ao impacto no financiamento das pesquisas. Há, acredito, uma inflação dos livros, muitos deles sem qualquer tipo de avaliação. As revistas têm arbitragem científica. Assim, temos que distinguir as formas de internacionalização. Penso na internacionalização que contribui para o interconhecimento. Internacionalização é interconhecimento.

Posso falar disso pegando o exemplo de minha ida a Maceió em 2009. Fui via uma ong, com financiamento de uma fundação norte-americana para fazer observação participante e a formação era o *feedback* que eu dava à escola, na forma de formação.

Este convite se deu a partir de um trabalho que desenvolvia em Portugal. Temos aqui o que se chama de Território Educativo de Intervenção Prioritária. Trata-se da proposta de discriminação positiva, em que se dá mais recursos a quem mais necessita. Acontece em alguns agrupamentos de escolas próximos a bairros ou minorias étnicas. Desde há três anos que tenho vindo a desafiar os professores a entender como aprendem crianças e jovens na escola e fora da escola. As crianças sabem muito mais do que a escola lhes proporciona. Isso tudo tem a ver também com as tecnologias digitais, quer na vertente da aprendizagem, que no lúdico. Não há fronteiras definidas entre os dois, mas a escola separa. As crianças e jovens pesquisam na internet, se comunicam com outros jovens. Assim, acho importante entender como aprender na escola e fora da escola, pois, assim, a escola pode se transformar ao aprender como as crianças aprendem. Penso que há complementaridade entre a escola e espaço não escolar, pois há cultura do lado do não escolar também.

Voltando à escola brasileira, Escola Estrela do Mar, ela queria fazer um projeto diferente e contou com minha assessoria. Como forma de socialização, a escola produziu um colóquio. Neste, conheci o professor Cleriston dos Anjos e percebemos afinidade, por termos sido educadores de crianças, pela curiosidade, fascínio por perceber que a criança é um sujeito competente e inteligente. Quando não vemos isso, pode haver desrespeito à criança quando, por exemplo, tira-se a chupeta da criança sem dizer nada à mesma. É um desrespeito.

Após este contato, o professor Cleriston foi a Braga e teve contato com os alunos da Universidade do Minho, produzimos dois livros em parceria, participei do evento 4ª Semana Internacional de Pedagogia (SIP) e do 1º Seminário Luso-Brasileiro em Educação Infantil (SLBE) . Um deles foi editado pela EDUFAL, durante a Bienal, intitulado “Infância e educação: olhares sobre contextos e cotidianos”.

Esta parceria começou de modo informal, não é protocolar, assinado em uma cerimônia. Nasceu da base para o topo, se construiu com relações, podendo se formalizar depois. Vai crescendo como uma bola de neve, do campo profissional ao campo da vivência.

A corrente dominante da internacionalização aponta para individualismo e carreiras individuais, havendo desperdício da experiência. A internacionalização cooperativa, quando produzimos em conjunto aprendemos todos e em termos de carreira também. O individual gera desperdício!

Penso na internacionalização também na vertente cultural. As pessoas parecem ter pudor em reconhecer isso. Há a vertente cultural, não é lado oculto! No confronto com o outro diferente produzimos autoconhecimento. Não é o outro exótico, mas o diferente, no sentido de questionar a nós próprios em nossas práticas. Pode colocar em xeque nossas certezas no ensinar.

Lembro do Programa Erasmus que promove intercâmbio. Participo de um projeto entre Portugal, Espanha, Bélgica e Suécia, na formação de adultos e tenho vivenciado a promoção cultural em termos de cidadania europeia.

Deise Francisco: Agradeço muito tua contribuição e a reflexão sobre educação, enfocando também os tipos de conhecimento, começando com o

autoconhecimento, ecoconhecimento e chegando ao interconhecimento. Espero que tenhamos mais oportunidades de partilhar conhecimentos e encontros produtivos e vivos. A vivência da internacionalização como realmente trocas e construção de subjetividades e menos como uma busca por produções meramente quantitativas nos currículos dos professores.

